

17º. Domingo depois de Pentecostes Próprio 22

1ª leitura (Antigo Testamento) - Gênesis 2:18-24

O primeiro relato da criação (Gn 1:1 – 2:4a), o grande relato do dilúvio (Gn 6-9) e a pequena história de Babel (Gn 11:1-9) são releituras de mitos babilônicos que buscam mostrar a diferença entre o caráter vital, misericordioso e libertador do Deus de Israel e o caráter opressor das divindades e das autoridades babilônicas.

O segundo relato da criação, de onde é retirado o texto deste domingo, (Gênesis 2,4b até o fim do capítulo 3) contradiz o primeiro, afirmando que nada havia na terra pois Deus não tinha dado a água nem havia ser humano para trabalhar a terra (2:5). Este relato foi usado principalmente contra as mulheres (que são maioria nas igrejas) justificando o poder dos homens (que são a minoria). A mulher, criada da costela do homem, seria um subproduto do "sexo forte" (2:21). Ela ainda é seduzida pela cobra e culpada pela queda e desgraça diante de Deus (3:3-6). A partir da interpretação machista e fundamentalista deste texto, as mulheres judias e cristãs passaram a se assumir como culpadas por todos os problemas do seu lar, da sociedade e até do mundo. Também a mesma forma de interpretar estes textos fez que muitas mulheres aceitassem passivamente os desmandos cometidos por muitos homens aos quais se submetem quase que como escravas domésticas.

Hoje sabemos que este relato tem origem egípcia. O deus oleiro Hnum modela o ser humano assim como é relatado em Gênesis. O paraíso fica no Egito tendo sua fronteira sul na Etiópia (Cuch em hebraico). Sendo que os rios mesopotâmicos Tigres e Eufrates foram acrescentados posteriormente. A palavra hebraica ADAM não significa "homem macho" mas "ser humano" (como felizmente traduz a nova versão da Bíblia da CNBB). Este ser humano, ADAM, tem mãe. A mãe de ADAM é a terra fértil ADAMAH (da qual é formado, cf. 2:9). No entanto este ser humano se sente só e busca companhia com as demais criaturas em vão (2:18-19). A solução é desdobrar o ser humano (ADAM) em dois: um macho (ISH) e uma fêmea (ISHAH) a partir de uma costela (2:21-22). Esta idéia não é surpreendente já que os egípcios tinham grandes conhecimentos de anatomia (demonstrados na mumificação) e sabiam que as mulheres tinham um par de costelas mais do que homem. Então na verdade o homem e a mulher são teologicamente o fruto do desdobramento do ser humano. Tanto a mulher quanto o homem fazem parte do mesmo ADAM, isto é, da mesma humanidade (2:23). A seguir o ser humano fica com o nome "Adam" (isto é ser humano) e a mulher ganha o nome "Eva" (que significa Vida) recebendo mais adiante o título divino de "mãe de todos os viventes" (Gn 3,20).

Estamos agora em condições de libertar este texto das suas interpretações opressivas e discriminatórias e resgatar a humanidade unida em amor, respeito e dignidade assim como acreditamos que Deus sempre quis revelar. (HMG)

2ª leitura (Epístola) – Hebreus 2.9-18

O perfil de Cristo neste trecho é o de plena humanidade que, por provar a morte, é capaz de sofrer com os sofredores e identificar-se com a multidão de filhos e filhas à glória. Essa identificação através da morte é expressa pelo termo "irmão de muitos irmãos e irmãs" e pela linguagem sacerdotal: aquele que santifica e os santificados são um. O uso do Salmo 8 para falar na humanidade de Jesus tem essa finalidade de mostrar o caminho da identificação com os sofredores em sua fragilidade mortal pelo qual Jesus Cristo conduz essa multidão para a glória. Essa é a linguagem da Encarnação. Não é apenas a declaração de que a Palavra de Deus se fez carne, pessoa humana. Trata-se da identificação com a situação em que está sob a dominação de tudo quanto aliena e viola as pessoas de sua humanidade e de Deus, e que, em outras palavras, seria a destruição da comunhão, enfim, a frustração final, que é a subjugação debaixo da morte, (2.14).

E a identificação tem a finalidade de conduzir essa humanidade passando por essas condições da morte à glória. Para descrever essa identificação e a necessidade de se ter sensibilidade da parte de quem para com os que são conduzidos (toda a humanidade) e a partilha da glória que é própria de Cristo com muitos (todos) irmãos e irmãs por meio da comunhão, o autor recorre à imagem e a função do Sumo Sacerdote,(2.15,17-18). Esse perfil plenamente humano descrito como Irmão de muitos e sacerdote, plenamente humano por passar pelo sofrimento, e humilhação e alienação da morte, é, paradoxalmente, a ação de Deus.

No início da Carta o autor já havia dito que não se pode separar o Cristo do Deus que fala e age. Aliás, nesta carta, Deus é o sujeito desde o começo até o fim. Deus fala em Cristo nos últimos tempos que é hoje, (1.2). Esse Cristo não é alguém que foi promovido por Deus para ser herdeiro de tudo, mas é a Sabedoria de Deus, por quem Deus criou todas as coisas (1.2b). A Sabedoria, na literatura sapiencial é personificada e conversa com Deus, com quem tem relação e comunhão especial. Essa qualificação é expressa em relação ao Filho, no verso 2, sem o artigo definido. Conforme alguns exegetas aqui, o termo sem o artigo definido significa mais a qualificação e o artigo, a definição. (Questão da peculiaridade da língua grega na qual a carta foi escrita.)

E a respeito do Filho, pergunta o autor, a quem Deus disse: Eu hoje te gerei? (Há indicação de que a adoração dos anjos era a preocupação em algumas áreas localizadas, por isso, ao usar os salmos que se referem aos anjos o autor diz: "o Filho sendo superior a eles se fez menor que eles" e os anjos desaparecem do cenário e tudo indica que eles não são o foco de atenção da fé.) Hoje te gerei. Muito mais tarde o Credo entendeu que o Filho não foi criado como qualquer outra criatura, e sim, "gerado, não feito".

Um outro ponto já referido é o perfil de quem abarca o princípio (*alpha*) e o fim (eschaton, *omega*) que é hoje e que antecipa o futuro. Essas duas dimensões não podem ser dissociadas com o risco de perder a verdade sobre Jesus.

O autor da carta faz a citação de Salmos, narrativas e profetas de certos livros, como se fossem voz. A finalidade é salientar que Deus fala pelas Escrituras com viva voz. O que importa é a Palavra viva de Deus.

A identificação do Filho com muitos filhos (vs.11) é feita com o Salmo 22.22, (aquela seção onde após o clamor do abandono e a partilha das vestes, citados na narrativa da Paixão, fala no louvor perante a congregação por parte do sofredor) e, também, com Isaías 8.17,18. Assim, temos o Filho que se torna Irmão que adota muitas irmãs e muitos irmãos, tornando-se sacerdote tomado, escolhido dentre pessoas humanas,(5.1) o qual é da ordem de Melquisedeque, sem pai, sem mãe e sem genealogia, (7.3; Sl 110.4).

É nesse paradoxo que encontramos os recursos insondáveis, surpreendentes, desafiadores e inesgotáveis da salvação em nossa caminhada, em nossas condições frágeis e, muitas vezes contraditórias. Pois o Deus que fala "sempre está mais pronto a ouvir do que nós a suplicar e nos dá mais do que desejamos ou merecemos"(Coleta do domingo). E o Filho que pode entrar em nossas condições humanas é o nosso Intercessor. (ST)

Santo Evangelho – Marcos 10.2-9

Todos assistimos quase que diariamente pela TV ou lemos com certa regularidade nos jornais as conseqüências nefastas da ausência de concórdia entre os dois povos que habitam na Palestina. Atentados vingados com atentados, mísseis vingados com bombas, morte vingadas com mais mortes. Quantas vezes o processo de paz já esteve próximo de se concretizar e quantas vezes ele foi derrotado por mais manifestações de ira e de ódio contra os inimigos que moram ao lado?

Por trás destes fatos lamentáveis que ocorrem na Palestina estão os mesmos sentimentos e convicções que fundamentavam os pedidos de divórcio nos dias de Jesus: a arrogância e a intolerância. Quando olhamos para este texto, não devemos ver apenas o que está escrito, mas também o que está por trás de todo ensino de Jesus. Se fizermos assim veremos, não um texto sobre o divórcio, mas um texto sobre todo tipo de rupturas. Se observarmos este texto à luz de todo ensino de Jesus compreenderemos que o Senhor, além de falar sobre o divórcio, está falando também sobre todas as grandes rupturas realizadas pelo homem. As rupturas familiares que separam filhos dos pais, irmãos de irmãos, as rupturas religiosas que nos afastam daqueles que adoram o mesmo Deus, e tantos outros tipos de rupturas. Olhando para este texto compreendemos pelo menos três verdades:

Em primeiro lugar, podemos entender que o repúdio é uma forma de segregação. As mulheres que eram vistas como impuras porque cometeram algum tipo de crime, que variava desde o adultério até o descuido em preparar uma refeição, eram vistas agora como pessoas "marcadas". Elas não eram mais vistas como mulheres iguais às outras. Elas levariam para sempre a marca do repúdio. O sinal da imperfeição, o signo da vergonha. É surpreendente ver quanta gente leva sobre si esta mesma marca. São pessoas que foram uma vez consideradas "impuras" ou "imundas" demais para permanecer ao meu lado. Por causa desta condenação elas devem ser privadas também do direito à adoração, pelo menos ao lado das pessoas "puras" e "íntegras" como nós. No passado a Igreja perseguiu e matou bruxas e hereges, acatólicos e possessos de toda sorte. Quem são nossos "repudiados" de hoje?

Em segundo lugar, compreendemos pelo texto que Deus não nos criou para a as rupturas. Diante da questão colocada pelos fariseus Jesus diz que Moisés admitiu o divórcio, mas que no princípio Deus nos criou para uma relação duradoura. Ao descrever os primeiros relacionamentos humanos no Éden, o javista nos diz que os dois se transformaram em uma só carne. O primeiro casal é, também, uma bonita metáfora da Igreja e dos seus relacionamentos. Deus não nos criou para a discórdia nem para a separação, em que pese nossas diferenças (homem e mulher); Deus não nos criou para a luta mas para a paz e a concórdia. A Igreja deveria ser um espaço onde pessoas diferentes encontrariam nas outras uma forma de enriquecimento e não uma ocasião para o conflito.

Isto me faz lembrar o primeiro conflito do Éden: o assassinado de Abel. A resposta de Caim à pergunta de Deus é emblemática. "onde está teu irmão?" pergunta Deus; e Caim responde: "porventura sou eu o guarda de meu irmão?". Sim, todos somos "guardas" e "protetores" de nossos irmãos. Deus não nos criou para algozes dos irmãos, mas para guardiões de suas vidas e dignidade. Quando nos tornamos algozes do outro fazemos seu sangue "clamar" até Deus.

Finalmente, compreendemos neste texto que o repúdio é o produto da dureza dos corações. Toda preocupação dos fariseus registrada no texto sagrado era: "é lícito"? "É legal"? A questão não era se era moral ou se era ético ou se era certo. A questão era simplesmente se era "legal". Não havia preocupação com a vontade de Deus. A preocupação era com o amparo legal. Jesus, respondendo a esta pergunta, nos diz que sim, Moisés permitiu que o divórcio fosse recebido na cultura judaica. Mas acrescenta: isto ocorreu "por causa da dureza dos vossos corações". O divórcio era uma forma de proteger as mulheres que, de outra forma, poderiam ser espancadas e mortas por seus maridos fanáticos diante de qualquer deslize culinário nas normas de pureza. Foi a dureza dos corações no trato com os outros que fez com que Deus permitisse a separação. Isto me faz lembrar de Abraão e de seu parente Ló. Eles tinham tudo para permanecer juntos, mas a discórdia e a arrogância os separou. No fim ficou claro o quanto Ló amava o caminho mais fácil e o lucro mais garantido.

Para concluir, devemos lembrar que Paulo nos convidou para sermos ministros da reconciliação e não perpetuadores da discórdia e do repúdio. Como temos desenvolvido nosso ministério? Qual a marca que tem caracterizado minha vida, a comunhão ou a discórdia? (JLFA)